

UMA EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO CONTINUADA

Carmen Rodrigues Fróes Pedrão

japedrao@ibest.com.br

(Mestre) – Colégio Estadual Castro Alves

Resumo – Este trabalho analisa brevemente o quadro das escolas públicas atuais. Traz à tona uma discussão de como estas instituições chegaram ao caos em que se encontram. Sugere como solução a reformulação da formação inicial e continuada dos professores sendo que essa última deve ser encaminhada nos moldes do PDE. Conta um pouco da experiência da professora dentro do programa e aponta caminhos para melhorar a educação no país a partir desta experiência.

Palavras chave – educação, formação de professor, PDE.

Abstract – This work analyses quick public schools actually. Brings a discussion about how this institution arrives at the chaos where they are. Suggest as a solution rebuild the teacher's carriers initial and continuous formation mainly the continuous formation must be like PDE program. Tell a little a teacher experience inside the program and shows way to became better the education in the country by this experience.

Key words – education, teacher's formation, PDE.

INTRODUÇÃO

Conhecer a realidade que nos cerca exige que diferenciemos o modo como ela nos aparece e o modo como ela é concretamente produzida.

A imagem que se nos apresenta da escola pública atual é de alunos desinteressados, professores mal formados e mal remunerados, prédios mal conservados: um descalabro de educação.

Isso é o que está na superfície, o que se esconde e dá suporte a esta realidade, ou seja, como ela foi, e continua sendo produzida?

O problema das escolas públicas brasileiras tem sua origem no século passado quando houve uma transformação do perfil social, econômico e cultural das pessoas que as freqüentavam, ele se modificou. Brasileiros pertencentes à população mais pobre passaram a freqüentar as instituições

escolares e tanto foram para a escola para aprender, como para mais tarde ensinar.

Até 1960, havia poucas escolas públicas no Brasil. Ensinavam e aprendiam pessoas que pertenciam às classes média e média-alta. A partir da década seguinte até hoje, se iniciou o processo chamado de democratização do ensino. Entenda-se democratização aqui como a construção de um grande número de escolas e adaptação de outros prédios para esse fim. Isto foi necessário para suprir a necessidade que o aumento da população urbana gerou, tendo em vista sua necessidade e seu direito de freqüentar uma escola.

As conseqüências devido ao ritmo acelerado de urbanização e da vinda da população do meio rural para o meio urbano foram muitas. Surgiram periferias pobres e com elas o desemprego, a violência, degradação física das cidades, poluição de todos os tipos. Os brasileiros moradores das periferias das grandes cidades são os alunos e mais tarde serão os professores das escolas construídas e adaptadas na década de setenta.

O acesso das classes menos favorecidas à escola causou um desprestígio à profissão docente fazendo com que as classes média e média-alta não mais escolhessem este tipo de formação. O número excessivo de alunos, prédios mal conservados e mal construídos, equipamento obsoleto, material insuficiente juntamente com o baixo salário foram as causas da deterioração das condições de trabalho. Portanto, a profissão tornou-se pouco atrativa para camadas mais altas da população, restando às classes mais pobres a opção de seguir a carreira do magistério.

O que ocorreu diante desta realidade foi uma formação de professores em cursos rápidos sem muito embasamento teórico. Desta forma, a solução para esse professor despreparado era simples bastava: oferecer-lhe um livro que ensinasse aos alunos tudo que fosse preciso.

Professores mal-formados não dominam o conteúdo ministrado, mas apenas o que está no livro didático, isto torna as aulas desinteressantes e aborrecidas, pois da mesma forma que fora do texto não existe salvação, fora do livro didático para um professor mal preparado também não há salvação. Tudo que foge ao que está impresso no livro, foge ao controle e ao conhecimento desses professores. Sabemos que a sala de aula é um lugar dinâmico, obviamente muitos assuntos e questões que não estão abordados nos livros didáticos surgem nela. Se os assuntos e questões não são resolvidos

e não podem ser abordados pelo aluno, ele se desinteressará e tornar-se-á apático fazendo os exercícios mecanicamente. Ele não consegue fazer a ponte entre o que estuda e a realidade em que vive (nem o professor), portanto ambos ficam paralisados sem ação e a escola torna-se um local desconfigurado, desinteressante, desmotivador, destruidor.

E, é desta forma que se produziu e se produz a realidade que agora vivemos no Brasil na maior parte das escolas públicas, principalmente, no que se refere à má remuneração e má formação dos professores e à apatia dos alunos.

PROFESSOR LINGÜISTA OU PROFESSOR DE LÍNGUA E LITERATURA?

Para que se altere o que foi exposto acima, é preciso que o ensino deixe de ser de reconhecimento e reprodução e passe a ser de conhecimento e produção sem que isto faça com que os professores abandonem os conhecimentos historicamente produzidos.

Os professores precisam ter claro que as mudanças contínuas na pesquisa científica que lhes chegam à escola não são passageiras nem tampouco definitivas, mas um processo científico de compreensão do fenômeno que se quer explicar. O resultado das pesquisas, ou seja, o produto do trabalho científico serão os conteúdos por eles ensinados em suas salas de aula.

É preciso deixar a ingenuidade de lado para quando se depararem com as novidades que chegam das universidades, não fiquem pensando que tudo mudou, que o que se pensava antes é errado e é preciso aderir ao novo. Também não podem acreditar que não haverá mais mudanças. É preciso deixar para trás (e isso não é fácil) a necessidade da estabilidade, da fixidez. Isto revela uma falta de compreensão de como se faz ciência. E isto também é consequência da passagem do produto do trabalho científico a conteúdo de ensino, pois esta passagem toma como verdade absoluta tudo o que na ciência é hipótese. Basta voltarmos um pouco no tempo, principalmente nós professores de português, para observar a quantidade de exercícios estruturalistas e os componentes da comunicação: emissor, receptor, mensagem, código, etc que os alunos tinham que decorar. Logicamente esta

visão tem muito a ver com a formação aligeirada na qual a maioria dos professores foram graduados.

Aprender a diferenciar o conteúdo de ensino e o produto da pesquisa científica e como em função desta relação foi se construindo a ação de ensinar e conseqüentemente colocando diferentes identidades para o professor de língua portuguesa é uma necessidade. O professor é identificado de duas formas a partir do que se disse acima: professor de Língua Portuguesa e Literatura e o Lingüista.

Veamos como se foi construindo através do tempo a identidade do professor. Nos séculos XIV e XV, o professor se caracteriza por ser produtor de conhecimentos, produtor do saber de uma reflexão, fala com seus discípulos sobre o produto de seu conhecimento. Ele não era visto como um profissional a ser instruído. O que caracteriza especialmente este profissional é o fato de que ele ensinava e produzia o conteúdo a ser ensinado. Entre aquele que produz o conhecimento e o ensina não há separação. Quem ensina gramática é um gramático, não há diferença entre o professor de filosofia e o Filósofo.

Em fins do século XVIII já se encontra uma divisão radical, divisão social do trabalho que gerou uma nova identidade: o mestre não se constitui pelo saber que produz, mas por saber um saber produzido que ele transmite.

De produtores do conhecimento, os professores passaram a ser transmissores dele. O professor, a partir da nova relação criada entre a produção do conhecimento e o ensino, constitui-se num profissional que domina certo saber, produto do trabalho científico, ao qual tem acesso na graduação, mas ele próprio não é o produtor desse saber. Assim, esse professor fica diante de um problema: ele deve estar a par das últimas descobertas da ciência em sua área de especialidade. Por ironia e obviedade, ele está sempre desatualizado, uma vez que não convive com a pesquisa e com os pesquisadores, nem é o responsável pelo produto que vai ensinar.

Esta nova configuração trouxe para a relação de atividade de produção de conhecimento e a atividade de ensino uma nova realidade: a produção de material didático posto à disposição do trabalho de transmissão. Este material didático vai desde o livro didático até os recursos de informática cujos conteúdos são tópicos com textos e exercícios. No que se refere ao trabalho do professor o que disse Comenius está se realizando:

...serão hábeis para ensinar mesmo aqueles a quem a natureza não dotou de muita habilidade para ensinar, pois a missão de cada um é tanto tirar da própria mente o que deve ensinar, como sobretudo comunicar e infundir na juventude uma erudição já preparada e com instrumentos também já preparados, colocados nas suas mãos...

(Comenius, 1627: XXXII-4 apud GERALDI, João Wanderley. Portos de Passagem, pág.87)

FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES

Pode-se dizer que custa caro formar um bom professor. ERRADO. Um mau professor é que sai caro, por ser ineficiente e ineficaz. Um mau professor ajuda a provocar a repetência (...), não segura o aluno na escola; não prepara alunos para a vida profissional. In: ANTUNES, Irandé. Aulas de Português. São Paulo, Parábola Editorial, 2003. p.167.

Esta é a máxima que deve guiar os governos federal e estadual quando vão tratar da formação inicial e continuada de seus professores. Quanto à formação inicial, o MEC é o principal responsável, pois é este ministério que autoriza e reconhece todos os cursos de licenciaturas. É necessário um mea culpa desse órgão, pois quando são feitas avaliações institucionais e seus resultados são publicados ou divulgados na mídia, há que se explicar que se o ensino não vai bem, não vai bem em nenhuma instância. Se o resultado das avaliações PROVA BRASIL, que avalia os alunos de oitava séries; ENEM, que avalia alunos do terceiro ano do Ensino Médio, para ficarmos apenas na educação básica, não é bom, significa dizer que o ensino também não o é. Mas, quem ensina esses alunos? São professores graduados nos cursos de graduação monitorados pelo Ministério da Educação e Cultura que não só concedeu a autorização para eles funcionarem, como reconheceu que eram aptos a formar professores que atuassem na rede de educação básica.

Uma atitude para sanar o problema é urgente, começa pela revisão do currículo das licenciaturas (onde já se viu uma faculdade de Letras onde não existe a disciplina de Literatura infanto-juvenil?, ou mesmo Filosofia?) e como elas estão formando professores, e apenas o ENADE, outra avaliação institucional, não é suficiente, pois, estas avaliações apenas mostram que o ensino não vai bem. É preciso que em cima dos dados estatísticos e interpretativos proponham-se ações para melhorar o ensino de um modo geral.

Enviar às escolas os resultados simplesmente é outro equívoco, mal comparando seria o mesmo que muitos professores fazem: mostram ao aluno sua nota e fim. Qual o objetivo? As escolas como os alunos ficam cientes de que há um problema, não se atingiu o objetivo: aprendizagem e daí; como seguir? Simplesmente seguir com as deficiências? Não é sintomático que os professores reproduzam o que o mestre mandou fazer (no caso, o planejador das avaliações institucionais)?

Como podem exigir dos professores que revejam suas práticas e auxiliem os alunos a suprirem suas deficiências de aprendizagens se o próprio MEC não faz isso?

Se for para reproduzir, vamos reproduzir fielmente. É o que se faz. Em matéria de reprodução vamos bem obrigado, em todos os sentidos, somos seis bilhões e perto de cento e noventa milhões no Brasil. Na escola reproduzimos a sociedade capitalista e na sala o que o mestre mandou.

É preciso também parar de autorizar novos cursos enquanto os que já existem estiverem formando professores com tanta deficiência.

Já a respeito da formação continuada existe uma nova visão sobre este tipo de capacitação no Estado do Paraná que inovou ao criar seu modelo de formação continuada chamado PDE.

O PDE – Programa de Desenvolvimento Educacional – é uma nova concepção em formação continuada cujo objetivo é a valorização dos professores da Rede Pública Estadual do Paraná. Possui como um dos pressupostos a visão do professor como produtor do conhecimento no processo de ensino-aprendizagem. Objetiva instituir uma dinâmica permanente na reflexão, discussão e construção do conhecimento. O professor é sujeito, aprende e ensina na relação com o mundo e com os outros homens, num processo de formação continuada construído socialmente. A maior inovação do programa é o fato de assegurar aos professores durante o período de formação o afastamento remunerado. O professor pode dedicar-se exclusivamente aos estudos sem a preocupação de preparar aulas, corrigir avaliações e preencher livros de registros.

Como fundamentos político-pedagógicos o programa pretende promover a leitura, a escrita e a inserção crítica do estudante no mundo do trabalho, fazendo com que ele estabeleça relações em diferentes níveis dominando termos, convenções, o significado das tendências, a utilização de critérios, o

uso de princípios e generalizações, a prática de análise em quaisquer momentos da aprendizagem, em quaisquer disciplinas ao longo da Educação Básica.

Apresentar aos professores as diferentes correntes pedagógicas em suas diversas formas de pensar os conhecimentos e aprendizagem para discussão também é fundamental para o programa. Ao discutir sobre a pedagogia e suas correntes o programa pretende que os professores dominem as razões pelas quais tantas correntes se distanciam, se aproximam ou opõem-se entre si e respondam a estas contradições na sua prática diária.

Alguns elementos são considerados essenciais na formação continuada do professor segundo a visão do programa. São eles: 1- o conhecimento produzido historicamente pelos homens é capaz de expor, informar ou explicitar as ações humanas como produto/resultado das relações sociais de produção fazendo do trabalho uma categoria ontológica e histórica de produção do conhecimento; 2- há valores comuns a toda humanidade, estes valores não se restringem a grupos, como por exemplo, a igualdade de direitos e deveres quanto à proteção da natureza e preservação da vida; 3- as verdades devem ser tomadas como produções históricas evitando qualquer dogmatismo; 4- a superficialidade expositiva deve ser questionada e evitada, pois ela ocorre devido à incapacidade de estabelecer relações entre o geral e o particular entre o privado e o público; 5- as tensões entre os pólos opostos devem ser entendidas como inerentes às práticas sociais, assim como há que se ter cautela com a racionalidade técnica (empregar a técnica pela técnica). O PDE considera imprescindível reafirmar a importância da relação Homem x Sociedade x Trabalho, pois tem nesta relação a sua base que precisa ser analisada em suas possibilidades e limitações considerando-se a materialidade histórica em que está inserida.

DENTRO DE UMA NOVA EXPERIÊNCIA

O PDE do estado do Paraná proporcionou aos professores que dele fazem parte uma nova experiência de formação continuada. Primeiramente, foi elaborado um Plano de Trabalho, nele constavam todas as atividades desenvolvidas: cursos, seminários, orientações, co-orientações, encontros de área, etc.

Este plano foi fruto das reuniões de orientação com Professores das Instituições de Ensino Superior que também estavam ligados ao programa.

Cada Professor da rede estadual de ensino fez parte de um grupo, orientado por um Professor de uma Instituição de Ensino Superior. No caso do grupo do qual fiz parte escolhemos contos e crônicas atuais que abordassem um único tema. Fizemos várias leituras e cada um escolheu um tema para desenvolver um Folhas, material didático para trabalhar com aluno, este sim, produzido e elaborado pelo professor que vai trabalhá-lo com seus alunos, aqui já não existe intermediário entre o professor, o conhecimento e quem vai transmiti-lo. É o próprio Professor que produz o conhecimento que vai transmitir em sua sala de aula.

Também foi-nos solicitado que diagnosticássemos e sugeríssemos ações para escolas paranaenses que foram inseridas dentro de um projeto chamado Superação. Estas escolas apresentavam um alto índice de evasão e repetência. Foram feitos relatórios para ambas as atividades e enviados às escolas. Estes relatórios passaram a fazer parte do Projeto Político Pedagógico delas. O relatório de diagnóstico passou a fazer parte do marco situacional e o de ação foi utilizado para sugerir práticas de leitura principalmente.

Com todas as dificuldades de fazer parte da primeira turma do Programa, acredito que é um grande programa que deve ser aprimorado a partir do diagnóstico do que não foi adequado e do que foi adequado para servir de parâmetro para futuras ações e correções de deficiências.

O PDE é de longe o melhor programa de capacitação continuada se comparado aos anteriores. Os cursos de quarenta horas em Faxinal do Céu eram ótimos, mas não havia realimentação do conteúdo discutido e o professor que fosse corajoso o bastante para colocar em prática o que aprendeu no curso logo deixava de lado, por falta de orientação ou de material de pesquisa para continuar onde encontrasse dificuldade. O PDE corrige este rumo, pois estando em contato direto com o orientador o Professor da rede pode discutir suas dúvidas e solicitar bibliografia para consulta.

Formar professores pesquisadores é, parece-me, a intenção final do programa. Voltar ao Mestre dos séculos XIV e XV parece ser o ideal para a formação de professores atualmente, ou seja, o filósofo dar aulas de Filosofia, o biólogo dar aulas de Biologia, o lingüista dar aulas de Português (e português brasileiro, não europeu, mas esta é outra discussão que geraria outro artigo).

Não é preciso ser nenhum gênio para perceber que estas ações precisam de investimento pesado, durante pelo menos dez anos, para se obter um resultado de melhoria que se refletirá nos resultados das avaliações institucionais.

Outra necessidade urgente para Professores é aquela que os tornem conscientes da realidade educacional. A maioria dos Professores restringe todo o sistema educacional a sua sala de aula. Não têm consciência de toda a engrenagem da qual fazem parte e alguns nem querem se conscientizar. É necessário que saibam que todas as instâncias públicas necessitam de financiamento gerado pelos impostos que pagamos. O prédio, as carteiras, a biblioteca, os funcionários, a manutenção tudo é pago com dinheiro dos impostos. É urgente que se faça desaparecer a máxima de que escola pública é gratuita, é uma grande mentira, se paga e se paga muito caro por uma escola pública, principalmente quando ela está deteriorada, as reformas são mal feitas, as salas estão lotadas de alunos e os Professores e funcionários ganham mal.

CONCLUSÃO

Por fim, a experiência como participante desse novo programa de capacitação fez-me chegar a algumas considerações para a formação inicial e continuada dos Professores que discutirei a seguir.

Se existe interesse real para melhorar a educação, como tem aparecido freqüentemente na mídia, de que a educação é a salvação do Brasil, a primeira atitude é preocupar-se com quem faz a mediação entre o conhecimento historicamente produzido e a população que vai entrar em contato com esse conhecimento.

Para que cada cidadão construa seu próprio conhecimento é necessário que se aproprie do conhecimento já introduzido pela humanidade e que esteja socialmente à disposição. É essa apropriação que o torna humano. Toda aprendizagem é boa à medida que supera o estágio atual de desenvolvimento de cada cidadão. O ensino e a educação escolar produzem desenvolvimento, Professor e ensino são mediadores fundamentais entre a aprendizagem escolar e desenvolvimento intelectual dos estudantes.

A escola através do currículo representa socialmente os conceitos científicos. Esses conceitos são a expressão do conjunto de conhecimentos socialmente produzidos e historicamente acumulados.

O papel do Professor como mediador é definir a relação e estabelecer a ligação entre os conceitos científicos e os cotidianos. Essa mediação só acontece à medida que o Professor conhece tanto os conceitos científicos quanto os cotidianos. Desta forma a primeira atitude está em apropriar-se adequadamente dos conceitos científicos o que ocorre inicialmente na graduação; também é necessário que tome conhecimento dos conceitos cotidianos dos alunos, o que ocorrerá quando já for graduado e estiver atuando em sala.

Todo esse processo pedagógico desenvolve-se através de técnicas específicas de modo que o confronto entre os conceitos científicos, apresentados pelo Professor, e os conceitos cotidianos dos alunos evoluam gradativamente retomando o aprendizado anterior, incorporando-o e superando-o num crescente a fim de que os conceitos cotidianos sejam transformados em científicos de tal forma que estes se tornem cotidianos. A integração entre os conhecimentos científicos e os cotidianos vai possibilitar o desenvolvimento na perspectiva da cientificidade que retornará ao cotidiano dos alunos.

A função do Professor é apresentar, explicitar, explicar, demonstrar conceitos científicos, social e historicamente elaborados. O ideal seria sempre partir dos conceitos cotidianos, do empírico, do que esteja mais próximo do aluno.

Conhecendo o cotidiano do aluno e o conteúdo escolar, o professor deve agir para que o aluno reproduza para si o conteúdo científico, recriando-o, tornando-o seu. Vivenciando os procedimentos utilizados pelo Professor, os alunos no processo mental de comparar seus conceitos cotidianos com os científicos apresentados pelo Professor, realizam análises, comparações, leituras, interpretações, pesquisas, elaboração e uso intelectual em aula do novo conceito.

A ação do Professor deve propiciar a autonomia de aprendizagem por parte do aluno, porém primeiramente a aquisição dos conceitos passa necessariamente pela mediação pedagógica do Professor.

Todo o processo ensino-aprendizagem é um grande instrumento que transforma um aluno-cidadão em um cidadão autônomo. Ao término do período escolar, pressupõe-se que o aluno apresente a condição de cidadão crítico e participativo, sem a presença da intermediação do Professor. Espera-se que tenha atingido dessa forma, um novo estágio, um nível mais elevado de seu desenvolvimento atual.

Quando os alunos atingirem o estágio de cidadãos mais completos e integrados à sociedade, estará cumprida a tarefa do Professor. Está claro que um profissional com esta envergadura não pode receber um salário qualquer. Mesmo porque se o Estado quer que o profissional se mantenha atualizado, precisa levar em conta o custo para aquisição de bibliografia, participação em congressos, etc.

Sem boas escolas arejadas com ambientes limpos e agradáveis e profissionais capacitados para trabalhar nela, sem equipamentos tecnológicos e capacitação de Professores para sua utilização, sem bons salários, sem revisão do currículo das licenciaturas, sem mudança na concepção de formação continuada de Professores não se muda o país através da Educação.

Seria de bom tom também que nossos representantes, que pouco na história desse país se preocuparam com a educação, deixassem o discurso e partissem para a prática fazendo com que a verba destinada à educação chegue até às escolas integralmente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Irandé. **Aulas de Português**. São Paulo, Parábola Editorial, 2003.

BAGNO, Marcos. **Nada na Língua é por Acaso**. São Paulo, Parábola Editorial, 2007.

_____. **A Norma Oculta – língua e poder na sociedade brasileira**. 7 ed. São Paulo, Parábola Editorial, 2003

GASPARIN, João Luiz. **Uma didática para a pedagogia histórico-crítica**. Campinas, Autores Associados, 2002.

GERALDI, João Wanderley. **Portos de Passagem**. São Paulo, Martins Fontes, 2002.

Prezada

Carmem,

Seguem comentários e sugestões de ajustes para o artigo.

- 1) Página 2: linha 7, incluir dois pontos antes de "bastava"; última linha do penúltimo parágrafo, pôr "r" em "destruidor"; no subtítulo, retirar acento de "lingüista";
- 2) Página 3: linha 7, pôr vírgula após "mudou"; linha 9, pôr ponto após "fixidez"; última linha do penúltimo parágrafo, retirar acento de "lingüista";
- 3) Página 4, penúltima linha antes da citação, pôr ponto após "exercícios";
- 4) Página 5: linha 7, pôr ponto após "instância"; linha 2 do segundo parágrafo, iniciar "Letras" com maiúscula;
- 5) página 6: penúltima linha do penúltimo parágrafo, pôr vírgula após "distanciam"; última linha do penúltimo parágrafo, trocar "responder" por respondam; última linha da página, trocar "segunda" por segundo;
- 6) página 7: penúltimo parágrafo, trocar "ligadas" por ligados;
- 7) página 10: no parágrafo que começa com "Todo esse processo...", diminuir o uso da expressão

"de forma que..." (aparece três vezes); no parágrafo seguinte, pôr vírgula após "empírico";
8) página 11, último parágrafo: trocar "nunca antes" por pouco (é menos radical); penúltima linha,
falta crase antes de "educação".

De um modo geral, gostei: é texto importante enquanto relato e enquanto posicionamento. Caso vc
queira aumentar o texto, sugiro que o faça privilegiando a parte do texto mais específica sobre a
experiência do PDE.

Abraço,

Luiz

Simon